

## O TRATAMENTO TEXTUAL DO TÓPICO DO CULTIVO DAS UVAS EM GEÓRGICAS II, DE VIRGÍLIO, E EM DE ARBORIBUS, DE JÚNIO MODERATO COLUMELA

Renata de Fátima Marçal Raimundo<sup>1</sup>

### RESUMO

A partir do poema didático de Virgílio (*Geórgicas*) e do pequeno manual de agricultura de L. Júnio Moderato Columela (*De arboribus*), pretende-se examinar cuidadosamente trechos que tratam do cultivo das uvas, para uma justificada comparação entre esses escritores e suas obras. Como consideramos que são duas obras pertencentes a gêneros literários diversos, levaremos em conta os meios especificamente empregados por cada autor para escrever sobre assuntos “idênticos”. Para isso, no domínio das Letras Clássicas, recorreremos à teoria dos gêneros literários e, eventualmente, a conceitos de Poética.

**Palavras-chave:** literatura técnica; viticultura; *Geórgicas*; Columela.

### RÉSUMÉ

À partir du poème didactique de Virgile (*Géorgiques*) et du petit manuel d’agriculture de L. Junius Moderatus Columelle (*De arboribus*), on se propose d’examiner soigneusement des morceaux qui traitent de la culture du raisin, pour une comparaison raisonnée entre ces écrivains et leurs ouvrages. Parce que l’on considère que ce sont deux ouvrages appartenants à des genres littéraires divers, on prendra en considération les moyens spécifiquement employés par chaque auteur pour l’écriture sur des sujets «identiques». Pour ça, dans le «terrain» des Lettres Classiques, nous aurons recours à la théorie des genres littéraires et, éventuellement, à des concepts de Poétique.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura dupla Português-Latim pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Este artigo se insere como produção vinculada ao projeto “Tradução integral e estudo compositivo do *De arboribus*, de Júnio Moderato Columela”, orientado pelo professor-doutor Matheus Trevizam e desenvolvido na FALE-UFMG no período de agosto de 2010 a agosto de 2011 pelo Programa de Bolsas PIBIC/ CNPq.

**Mots-clés:** littérature technique; culture de la vigne; les *Géorgiques*; Columelle.

## INTRODUÇÃO

A literatura latina apresenta, entre seus diversos gêneros, dois distintos entre si, mas, até certo ponto, que se aproximam quanto ao objetivo proposto: trata-se da poesia didática e dos tratados técnico-informativos. Quanto à poesia didática, referimo-nos a um tipo compositivo que remonta a *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo (HESÍODO, 2006), e ao qual as *Geórgicas* de Virgílio pertencem. Segundo a definição oferecida pelos críticos da literatura antiga (TOOHEY, 1996, p. 4), caracteriza todo poema didático a presença de uma “voz professoral” voltada para fora, como que interpelando o público moldado como aluno/ *discipulus*. Além disso, os textos afins a essa categoria focam-se na tematização algo sistemática de um assunto qualquer, de modo a cobri-lo em tópicos e sub-tópicos razoavelmente ordenados. Por fim, em geral há neles a recorrência ao metro hexâmetro datílico da poesia greco-romana, a feitura de “painéis mítico-narrativos” que sirvam de moduladores da fria exposição dos preceitos técnicos e, ao menos, a necessidade de manter-se em aparência a ficção da “aula”.

No que diz respeito aos tratados técnicos em latim, apenas para nos atermos ao mesmo domínio do saber do *De arboribus* de Columela, isto é, aos escritos agrícolas, adentramos um plano compositivo com traços delimitadores próprios (GUERREIRA, 2007, p. 755-772). De início, então, deixam-se neste âmbito, como testemunha o próprio *De re rustica* de Columela – a não ser por seu décimo livro, cf. *infra* –, a metrificação e os demais recursos da poesia, quais sejam, a feitura de sonoridades e imagens com fins eminentemente *expressivos*, as chances de significar de maneira densa e simbólica, a forte concretude dos signos (MOISÉS, 2003, p. 74-101)... Isso não significa, porém, que em tudo a estruturação dos tratados técnicos se “empobreça”, já que, em importantes aspectos como o rigor na comunicabilidade e no tratamento dos conteúdos – o que implica em fazer-se muito eficaz do ponto-de-vista linguístico e do encadeamento global das partes – os

textos dessa categoria costumam destacar-se diante dos de quaisquer outras. Um exemplo palpável dessa derradeira constatação refere-se ao plano do léxico, pois, desincumbidos de “agradar” a um público não-especializado, o qual decerto se enfasiaria com a abundância de minúcias, os antigos tratadistas de agricultura esmeram-se ao empregar vocabulário rico e em *nexo específico* com tantas práticas e objetos do mundo camponês (de MEO, 1986). Por outro lado, tais textos conhecem sóbrias formas de se construírem em respeito mínimo a certas diretrizes de escrita, como a eventual recorrência introdutória às *praelocutiones*, a vinculação a estilos não desprovidos de algum esmero, a busca da clareza como um princípio norteador dos dizeres...

À parte os condicionados privilégios compositivos e as eventuais interpenetrações temáticas entre a poesia didática virgiliana e os tratados de agricultura romanos, pode-se ver que tais gêneros até certo ponto contrastam: a poesia é sutil, agradável ao leitor, quebra a rigidez e a fria linearidade expositiva; um pequeno opúsculo tratadístico como o *De arboribus*, por sua vez, é incisivo e não recorre tanto a artifícios de ornamento do texto. Na poesia, o autor serve-se de muitos elementos que atenuam o assunto técnico, tornando-o mais palatável...

## SUCINTAS COORDENADAS SOBRE OS AUTORES

Neste estudo comparativo, introduz-se o cotejo pelos autores das obras a serem estudadas. Virgílio e Columela são de épocas diferentes, quase um século os separa, o primeiro nasceu em 70 a.C. e viveu até o ano 19 desse mesmo século; quanto ao outro, não se sabe ao certo, pois as informações são dúbias, mas há quem diga que tenha nascido em 42 d.C. (GRANATO, 1925, p. 9), não se tendo a data de sua morte.

Virgílio escreveu uma coletânea de poemas pastoris, as *Bucólicas*, um poema didático – as próprias *Geórgicas* –, e o grande épico nacional, a *Eneida*. Já Columela foi um “agrônomo” latino que dedicou sua vida ao campo e às letras, ou melhor, a escrever sobre a vida rústica. Dentre suas obras, há um livro de astrologia,

*Aduersus astrologos*, que se perdeu; um trabalho de agricultura intitulado *De cultura uinearum et arborum*, composto de quatro livros e de que só nos restou o *De arboribus*, objeto de nosso estudo. Segundo Rômulo Augusto de Souza, mais tarde ele foi ampliado pelo autor nos livros III-V de uma obra maior, o *De re rustica*, composto de doze livros que chegaram integralmente até nossos dias (de SOUZA, 1977, 334). Nessa obra, apresenta grande destaque o livro X, consagrado aos jardins, que Columela escreveu em versos hexâmetros em rememoração de Virgílio. O poeta deixara, no IV livro das *Geórgicas* e a um sucessor, a tarefa de tratar desse assunto sobre o qual desejava escrever, não tendo, por alguma limitação, realizado seu intento (IV, 147-148):

*Verum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis  
praetereo atque aliis post me memoranda relinquo.*

Mas saio já daqui; depois outros cantores  
que celebrem o que hoje, adstrito ao breve espaço,  
não sem algum pesar silencioso passo.<sup>2</sup>

## **ESTUDO COMPARATIVO DE PASSAGENS SOBRE A VITICULTURA EM COLUMELA E VIRGÍLIO**

Passemos às comparações das obras: o *De arboribus* corresponde a um pequeno manual didático que ensina detalhadamente ao homem do campo as técnicas para lidar com as árvores. É escrito em prosa e, diferentemente da poesia didática de Virgílio, não tem a intenção premente de deleitar seu leitor. As *Geórgicas* são uma obra em delicados versos hexâmetros e, em seus quatro livros, surgem muitas passagens ou personagens da mitologia (TREVIZAM, 2003, p. 99), que lhe conferem um caráter mais leve, rompendo a plena tecnicidade do texto didático. Talvez se possa se pensar nas *Geórgicas* como saber e sabor, já que, em sua origem

---

<sup>2</sup> Para conservar as características poéticas, optou-se por citar sempre as *Geórgicas* na tradução de Antônio Feliciano de Castilho [de CASTILHO, A. F.; MENDES, M. O. (respectivas traduções). “*Geórgicas*” e “*Eneida*” de Virgílio. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1970, p. 83].

latina, as palavras têm a mesma raiz (da CUNHA, 1982, p. 695), incitando a obra de Virgílio toda a nossa percepção.

Para uma visão mais objetiva e clara, os trechos sob exame serão divididos por assuntos e cada parte será analisada detalhadamente, partindo de uma sequência lógica para o plantio das videiras. Primeiro, é preciso que se escolha o terreno onde plantar a videira, e tanto Virgílio quanto Columela ressaltam como importa a natureza do local:

<i>Collibus an plano melius sit ponere uitem, quaere prius. Si pinguis agros metabere campi, densa sere: in denso non segnior ubere Bacchus;</i>	275
<i>sin tumultis adcliues olum collisque supinos, indulge ordinibus; Nec setius omnis in unguem arboribus positis secto uia limite quadret: ut saepe ingenti bello cum longa cohortis explicuit legio et campo stetit agmen aperto</i>	280
<i>derectaeque acies ac late fluctuat omnis aere reudenti tellus necdum horrida miscent proelia, sed dubius mediis Mars errat in armis. Omnia sint paribus numeris dimensa uiarum, non animum modo uti pascat prospectus inanem, sed quia non aliter uiris dabit omnibus aequas terra, neque in uacuom poterunt se extendere rami.</i>	285

Saibamos para onde as vides se transportam:  
é para outeiro? ou campo? Em campo, e de substância,  
basto podes plantar; e aguarda-te abundância.  
Em colinas porém, recostos, e ladeiras,  
fazes muito melhor se alargas, e enfileiras,  
arruando e quadrando. O teu vinhedo talha,  
como hábil general o exército em batalha:  
as legiões em linha; a tropa enchendo os campos,  
regrada, firme, altiva; o chão todo aos relâmpos  
co'os fúlgidos metais ao largo em torno esplende.  
A tuba de investir inda em silêncio pende.  
Marte, alma dos heróis, vagueia inda indeciso.  
Ter ordenança igual nas vinhas é preciso;  
não tanto por que a vista haja esse vão folguedo,  
como porque assim posto o báquico arvoredado  
se abasta por igual da fluida manutenção  
que a terra lhe ministra, e abre ramada extensa.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> de CASTILHO, 1970, p. 35-36.

Nesses versos, Virgílio mostra que os terrenos plainos são mais favoráveis para o plantio das videiras e que, nos acidentados, é preciso ter o cuidado de plantá-las em fileiras esparsas. O trecho é enriquecido pelo uso do símile, ou seja, uma comparação estendida entre duas realidades, implicando em certa semelhança. Segundo Dante Tringali, a comparação se baseia numa analogia, sendo em princípio possível comparar tudo no Universo, por julgar-se que tudo se corresponde de algum modo (TRINGALI, 1988, p. 132-133). Nesses versos, há específica aproximação do campo e da guerra, vinculando as videiras em fila a um exército pronto para a batalha. Ao recorrer a este expediente, o poeta dá a seu leitor a oportunidade de construir em seu imaginário uma figuração do modo como as videiras ficarão nos terrenos acidentados. Aqui, ainda, ele menciona deuses como forma de enriquecer o assunto. Além do símile, tais evocações divinas também nobilitam o tema, furtando à mera banalidade o tópico vinícola: quando, pois, o poeta nomeia Baco, há por parte dele modesta demonstração erudita, por ser Baco o deus grego do vinho (BRANDÃO, 1993, p. 206). Algo similar ocorre quando cita Marte: falando sobre a guerra, Virgílio traz concretamente à tona o seu Nume.

Outro ponto a comentar é que, depois de tão bem explicado o plantio pelo emprego do símile, o poeta aconselha que tudo seja medido meticulosamente para que a vista do vinhedo seja aprazível, *non animum modo uti pascat prospectus inanem* (“não somente para que a vista alimente o espírito vazio”). Mas, do ponto de vista prático, isso também ocasionará o desenvolvimento das videiras e seus ramos não se dispersarão no espaço.

Os trechos seguintes correspondem ao quarto e ao quinto parágrafo do primeiro capítulo do tratado *De arboribus*:

[4] *Optimum est itaque eodem agro quo uitem dispositurus es, uel certe uicino facere seminarium, idque multum refert loci natura. Nam si colles uineis uel arbustis occupaturus es, prouidendum est ut siccissimo loco fiat seminarium et iam quae ab incunabulis uitis exiguo adsuescat humore; aliter cum transtuleris de humido in aridum locum, uiduata pristino alimento deficiet.*

[5] *At si campestris et uliginosus agros possidebis, proderit quoque seminarium simili loco facere et uitem largo consuescere humore. Nam quae ex sicco in aquosum agrum transfertur utcumque putrescit. Ipsum autem agrum quem seminario destinaueris planum et sucosum sat erit bipalio uertere quod uocant rustici sestertium. Ea*

*repastinatio altitudinis habet plus sesquipedem, minus tamen quam duos pedes. lugerum agri uertitur operis quinquaginta.*

4. E assim, o melhor é fazer o viveiro no campo mesmo em que porás a videira, ou, na verdade, em um vizinho, por ser de muita importância a natureza do lugar. Com efeito, se uma colina há de preencher-se com videiras ou videiras arbustivas, deve-se cuidar de que o viveiro se faça no lugar mais seco e já, como que do berço, de que a videira se habitue à escassa umidade; de outro modo, quando passares de um lugar úmido para um seco, morrerá privada do antigo “alimento”.

5. Mas, se tiveres campos de planície e úmidos, também será vantajoso fazer o viveiro em lugar semelhante e que a videira se habitue à umidade abundante. Com efeito, a que se passa de um campo seco para um aguacento em todo caso apodrece. Mas bastará lavar com a pá a que os camponeses chamam de “sestércio” o próprio campo plano e úmido que tiveres destinado a viveiro. Tal lavra tem mais de um pé e meio de profundidade; menos, porém, de dois pés. Uma jeira de campo é lavrada em cinquenta dias de trabalho.<sup>4</sup>

Em *De arboribus*, fica bem visível que importa o local onde se plantará a videira, pois a adaptação da árvore será mais fácil caso feita desde o viveiro. Columela mostra as colinas como terrenos secos e as planícies como terrenos úmidos. A linguagem é clara e, exceto por um ou outro pequeno detalhe, desprovida de recursos alheios aos meros fins comunicativos cabíveis para uma obra de características eminentemente técnicas: notar, no último aspecto, as duplas tentativas de justificar com desdobramentos práticos nefastos, nos dois sentidos possíveis, o princípio geral da necessidade de não privar as mudas do solo a que já se tinham habituado no viveiro na hora decisiva de transplantá-las para o posto definitivo (*Aliter cum transtuleris de humido in aridum locum, uiduata pristino alimento deficiet.* – “De outro modo, quando passares de um lugar úmido para um seco, morrerá privada do antigo ‘alimento’”./ *Nam quae ex sicco in aquosum agrum transfertur utcumque putrescit.* – “Com efeito, a que se passa de um campo seco para um aguacento em todo caso apodrece”). Sob o ponto de vista lexical, ainda, Columela destaca-se por fazer-se preciso, recorrendo, por pelo menos três vezes, a palavras em específico nexos com as práticas e a vida agrícola em Roma antiga: referimo-nos aos termos *seminarium* (“viveiro”), *bipalium* (“pá”) e *sestertius*

<sup>4</sup> Todas as traduções de *De arboribus* citadas aqui são, em conjunto, do professor Matheus Trevizam (FALE-UFMG) e da aluna Bárbara do Vale Reis de Sousa.

(“sestércio”). Ora, no caso derradeiro, sobretudo, como o termo também existe com acepções distintas na língua latina clássica – haja vista o fato de designar uma importante unidade monetária da Antiguidade! (BORNECQUE; MORNET, 2002, p. 140) –, temo-lo por claro indício da tecnicidade dos dizeres neste autor *rerum rusticarum*, pois que, de um seu emprego bem mais corriqueiro, passa-se, doravante, a dirigi-lo para outro com valor miudamente documental do domínio vocabular agrário em Roma.

O caráter numérico da dicção técnica de Columela, por outro lado, também atesta com outros recursos possíveis a preocupação do autor em fazer-se informativo com um grau de funcionalidade técnica, na maior parte dos casos, incomum no poema didático de Virgílio. Assim, o autor localiza com boa aproximação quantitativa a profundidade da lavra em terreno úmido entre um pé e meio e dois pés, além de proporcionar a lavra em uma jeira de campo para cinquenta dias de trabalho, como se nota pelo excerto acima. Por fim, sobre este mesmo trecho de Columela, fazemos ver como não se trata de algo de todo desprovido de alguma elaboração linguística no nível, retoricamente falando, da *elocutio* (PERNOT, 2000, p. 283):<sup>5</sup> em *quasi ab incunabulis* (“como que do berço”) do quarto parágrafo, com efeito, quando ele compara o solo do viveiro de plantas a um “berço”, imaginamos, de repouso infantil das mudas depois de seu nascimento a partir do seio da terra, dirigem-se os dizeres para planos afastados da estrita necessidade comunicativa. Ainda, a metaforese (MOISÉS, 2004, p. 281-289), segundo algo que muitas vezes se faz presente nos versos das *Geórgicas* a fim de propiciar a diminuição das fronteiras entre os vários domínios vitais da experiência agrícola [em que se imiscuem a fundo plantas, animais e seres humanos, além dos deuses, em nível mais sublime (TREVIZAM, 2006, p. 200ss.)], antropomorfiza simples rebentos de videira, dotando-os potencialmente de traços enriquecedores de sua prosaica caracterização denotativa. Abaixo, por sua vez, nota-se mais uma “versão” técnica de certos preceitos que Virgílio oferecera nos versos das *Geórgicas* divisados. Ela detalha tecnicamente como devem ser plantadas as videiras quanto

---

<sup>5</sup>Por esse termo latino se entende a parte do *labor* oratório identificada com o revestimento argumentativo por palavras e expressões concretas; as demais “partes” da retórica clássica são, ainda, *inuentio*, *dispositio*, *memoria* e *actio*.

ao espaço e à disposição das árvores, utilizando medidas e dando instruções bastante exatas, como a direção em que se devem pôr as mudas – voltada para o Oriente – e até o peso das pedras que se colocam junto das raízes (cap. IV, 4):

[4] *Vinea quae angustissime conseritur quoquouersus quinque pedum spatio interposito ponitur, inter septem uel octo pedes quae rarissime <uel>, ut etiam facile arari possit, inter denos pedes constituitur; haec positio uinearum modum sine dubio agri maiorem occupat, sed ualentissima et fructuosissima est. Cum semina depones, imum scrobem uel sulcum bidentibus fodito mollemque reddito; uitem quam ponis fac ut ad orientem spectet adminiculo religata. In imo scrobe lapides circa pondo quina ita ponito ne uitem premant, sed iuxta radices sint.*

4. A videira que é plantada o mais estreitamente se dispõe intercalando um espaço de cinco pés para todas as direções, a que de modo muito rarefeito entre sete ou oito pés, ou, para que também possa ser facilmente lavrada, planta-se a cada dez pés; tal plantio das videiras sem dúvida ocupa um espaço maior no campo, mas é o mais eficaz e rendoso. Quando plantares as mudas, escava o fundo da cova ou do sulco com enxadões e deixa macio; faze com que a videira que plantas se volte para o Oriente, presa a uma estaca. No fundo da cova, põe pedras com cerca de cinco libras de peso, de modo a não pressionarem a videira, mas ficarem junto das raízes.

Columela, ainda, segundo uma sua tendência que destacamos antes, não se limita taxativo a ordenar para as práticas, mas às vezes oferece os motivos que lhes sustentam a feitura. Desse modo, aqui, após recomendar que haja bom espaçamento para o plantio das videiras – o que, decerto, não faria o *agrícola* romano poupar terreno! –, o tratadista justifica semelhante “desperdício” no uso da terra arável dizendo ajudar tal procedimento... a própria fecundidade do solo [*sed ualentissima et fructuosissima est* – “mas é (o plantio espaçado das uvas) o mais eficaz e rendoso”].

Já que se tratou de *onde* e de *como* devem ser plantadas as videiras, agora analisaremos como cada autor aborda o tópico da profundidade dos sulcos de plantio:

*Forsitan et scrobibus quae sint fastigia quaeras.  
Ausim uel tenui uitem committere sulco;  
altior ac penitus terrae defigitur arbor,*

*aesculus imprimis, quae, quantum uertice ad auras  
aetherias, tantum radice in Tartara tendit.  
Ergo non hiemes illam, non flabra neque imbres  
conuellunt; immota manet multosque nepotes,  
multa uirum uoluens durando saecula uincit.*

295

Talvez queiras saber das covas a fundura:  
qualquer basta à videira; a árvore que a segura,  
essa é a que a pede grande; o ésculo mormente,  
que enterra os pés no Averno, e alteia aos céus a frente;  
por isso arrosta audaz refegas e invernias,  
conta, imóvel, de pé, os séculos por dias;  
vê passar gerações; braceja a toda a parte;  
montanhas de folheda a todo o ar disparte;  
e sob a carga imensa, ufano à sombra está.<sup>6</sup>

Virgílio mostra-se reticente quanto a seus ensinamentos rurais *práticos*, pois “ousaria” entregar a videira a um sulco tênue (v. 289), “talvez” (v. 288) o leitor desejasse saber dos detalhes de seu plantio oferecidos em seguida... A instrução principal é para que a cova seja ligeira, as fundas são para árvores de grande porte como o carvalho, planta que tanto cresce muito para cima quanto para baixo. No tratamento dessa última espécie arbórea, sintomaticamente, Virgílio esmera-se pelo cuidado compositivo: de início, a indicação de seu tamanho descomunal nos remete a dizeres nobilitados pela mitologia (cf. *Tartara*, como sinônimo de uma parte das regiões Infernais,<sup>7</sup> e *ad auras aetherias*, que indica a zona mais sublime do céu no entendimento geográfico antigo).<sup>8</sup> Em v. 291-292, ainda, o *enjambement*/ “cavalgada”<sup>9</sup> constituído pelo todo da indicação superior de crescimento do carvalho, acaba por criar um interessante efeito poético: como se enfatiza seu excepcional tamanho (o éter corresponde à mais alta e distante camada aérea), o qual, imaginamos, *não caberia* num espaço qualquer, a forma aqui dá conta de repor, no plano da materialidade linguística, a ideia de algo a expandir-se de um verso para o de baixo. De v. 293 a 294, ainda, a estatura dessa árvore gigantesca adquire tons de decisiva ultrapassagem da simples indicação espacial do tamanho

<sup>6</sup> de CASTILHO, 1970, p. 36.

<sup>7</sup> Segundo Commelin, o tártaro é a terceira região dos Infernos, correspondendo à prisão dos deuses; a sua profundidade era bem afastada do céu (COMMELIN, 1983, p. 158).

<sup>8</sup> Como vemos em W. Kroll, o éter é uma imagem que remete de imediato às alturas (KROLL, 1988, p. 51).

<sup>9</sup> Segundo Norma Goldstein, *enjambement* é a construção sintática especial que liga um verso ao seguinte, para completar o seu sentido (GOLDSTEIN, 1986, p. 76).

para revestir-se de fortes notas simbólicas, em vínculo com a perenidade de tudo... Desse modo, por ser tão firme e profundamente enraizado nos próprios Tártaros, o carvalho resistirá para o proveito dos descendentes (*nepotes*, v. 294), durando por “muitas gerações/ séculos” (*multa... saecula*, v. 295).

Ora, embora o tema dessa subseção do livro II das *Geórgicas* fosse, em princípio, o tópico bastante prosaico da fundura de deposição da parreira jovem na terra, notamos inequivocamente que o poeta, em harmonia com suas anunciadas reticências em abordá-lo, como que se desvia do foco preceituador central para expor-nos uma espécie de micro-painel descritivo, decerto mais atraente e, do ponto de vista do deleite, proveitoso para um público leitor *de poesia*, isto é, nem sempre interessado em derivar da obra preceitos para agir eficazmente na lida quotidiana da viticultura.<sup>10</sup>

O mesmo, em absoluto, não se dá em Columela, quando se dispõe a abordar pormenores técnicos do mesmo teor no *De arboribus* (cap. IV, 3):

[3] *Sulcum autem terrenum altum duorum, longum septuaginta una opera effodit; scrobes ternarios, id est quoquouersus pedum trium, una opera facit XVIII; uel si cui cordi est laxius uites ponere, scrobes quaternarios, id est quoquouersus pedum quaternum, una opera duodecim facit, uel bipedaneos quoquouersus una opera uiginti effodit. Curandum autem est ut locis aridis et cliuosis altius uitis deponatur quam si humidis et planis. Item si scrobibus aut sulcis uineam posituri erimus, optimum erit ante annum scrobes uel sulcos facere.*

3. Escava-se, porém, um sulco na terra, com a profundidade de dois pés e o comprimento de setenta, em um dia de trabalho; covas de três pés, isto é, com três pés para todas as direções, fazem-se dezoito em um dia de trabalho; ou, se parece bem a alguém plantar as videiras mais espaçadamente, covas de quatro pés, isto é, com quatro pés para todas as direções, fazem-se doze em um dia de trabalho; ou, de dois pés para todas as direções, fazem-se vinte em um dia de trabalho. Deve-se, porém, cuidar de que, em lugares áridos e em declive, plante-se a videira mais fundo do que em

---

<sup>10</sup> Cf. DALZELL, 1996, p. 106: What Wilkinson has in mind when he says that the “Georgics” masquerades as a didactic poem is that the didactic purpose is not the main purpose, or, if it is, the message is not quite what it appears to be. It used to be suggested that the poem had an immediate practical application – that it was written to instruct the returning veterans whom Octavian had settled on the land. But this is no poem for the horny-handed sons of toil. Even more than the “De rerum natura”, it was clearly designed to appeal to a sophisticated reader. The poem bristles with allusions to other writers.

úmidos e plainos. Ainda, se em covas ou sulcos formos plantar a videira, o melhor será fazer as covas ou sulcos um ano antes.

Mais uma vez, é possível ver como Columela é exato nas medidas e *expert* na vida rústica, dando a proporcionalidade de dias de trabalho para as covas abertas clara ideia do saber técnico de que dispunha. Ao contrário de Virgílio, na passagem divisada imediatamente acima, ele não se pronuncia “desculpando-se” do prosaísmo (TREVIZAM, 2006, p. 319), mas fala incisivo e com autoridade sobre o assunto. Note-se ainda, a respeito das reiteradas proporções entre o tipo de trabalho de lavra nos campos – pormenor em que se incluem o comprimento e a profundidade dos sulcos para plantar – e o tempo a utilizar-se para isso, como nos encontramos diante de dados fundamentais ao sucesso de todo efetivo vindimador: com efeito, o cultivo das uvas obedecia, segundo bem atestado nas páginas da literatura agrária latina, a um ciclo sazonal, dando-se, inclusive, que nem toda operação de plantio pudesse vir a dar-se em qualquer época do ano.<sup>11</sup> Por conseguinte, importava aos antigos *agricolae* romanos não só calcular e prever quanto se gastaria de tempo para cada uma das tarefas necessárias no cultivo das uvas, mas, ainda, zelar o mais possível pelo rígido cumprimento de prazos, tantas vezes, ditados pela natureza...

## CONCLUSÃO

Claro está que os gêneros distintos e os específicos objetivos de cada autor ao escrever pressupõem a cada vez o deliberado privilégio de uma ou outra face compositiva, vale dizer, da acurada comunicação técnica ou do requinte formal. Nisso, pender para uma ou outra face nos indica a clara consciência de Columela ou de Virgílio de moverem-se no interior de tradições distintas, regidas por regras inerentes aos próprios arcabouços.

---

<sup>11</sup> Cf. *Geórgicas* II 419.

Por outro lado, não é preciso, como começamos a apontar desde o início do texto, fechar em demasia os horizontes compositivos desses escritores, como se Columela fosse “apenas” preocupado com os conteúdos e Virgílio com a forma. Um recente artigo de Aude Doody (DOODY, 2007, p. 180ss.), por sinal, esclarece-nos como, entre os antigos, não foram sempre considerados sem valor os saberes técnicos de Virgílio, mesmo quando criticados ou retificados na extensa corrente da literatura agrária romana. Columela e Plínio, assim, dialogam com esse autor de poesia didática – que consideram também um instrutor técnico mais ou menos qualificado! – de maneiras diferentes, pois o primeiro, grande entusiasta da obra virgiliana, explica-nos Doody, tende a investir-se da nobreza do poeta, um clássico absoluto já em sua época, pela frequente incorporação de citações diretas à trama do *De re rustica*, sobretudo. Isso muitas vezes se faz, com a preferência pela entrada da fraseologia técnica de Virgílio, mesmo quando seria viável recorrer a outras fontes antigas (DOODY, 2007, p. 195):

Unlike Pliny, Columella sees Virgil’s use of language as a positive reason to quote him. He often seems to quote the poem simply for the pleasure of doing so, as passing illustration of a point, or incorporating a particularly apt expression into his own sentences. When he discusses the importance of pasturing sheep in fields without thorn bushes, he uses Virgil’s lines to illustrate his point, despite the fact that Virgil’s information seems to be based directly on that of Varro (Columella *Rust.* 7.3.9-10, quoting *G.* 3.384-85, 3.443-44).

Quanto a Plínio, se esse “enciclopedista” se julga muito superior, do ponto de vista da acuidade dos saberes agrários que detém, não deixa de ser sintomática a retomada do antecessor poético, mesmo que para corrigi-lo. Afinal, caso Virgílio de fato “de nada soubesse” no domínio técnico, o reiterado chamamento ao embate não teria razão alguma de ser (pois não seria melhor, assim, esquecê-lo de vez?): antes, o descomunal prestígio do poeta como estilista da língua latina e da composição artística de uma obra como as *Geórgicas* faz de seus deslizes diante da estrita tecnicidade uma provável via para que Plínio, intelectual não alheio a pretensões literárias, procure diferenciar-se e afirmar o próprio “espaço” (DOODY, 2007, p. 194).

Ademais, também não passaram despercebidos à crítica os modestos cuidados na escrita do pequeno opúsculo identificado com o *De arboribus*: é fato que não encontramos nesse texto a mesma rica composição do supracitado livro X do *De re rustica* (ou das *Geórgicas*), linguisticamente construído como poema de características didáticas e incorporando tantos elementos de erudição e mitologia. Mas Columela, ainda aqui, sabe fazer-se zeloso da dimensão “elocutória” do discurso, o que se manifesta, por exemplo, na perceptível preferência por uma dada litotes,<sup>12</sup> na tentativa de regularizar a *dispositio* de termos e expressões ao longo de frases correlatas (*locis pinguibus et planis et humidis...* – “em lugares férteis, plainos e úmidos...”) / *locis aridis et macris et siccis...* – “em lugares lugares áridos, inférteis e secos...” – cap. III, 1-2), na colocação enfática, ao fim de certos enunciados, de imperativos futuros a concentrarem a força dos comandos para as corretas ações de cultivo (... *deprimito et obruito.* – “rebaixa e enterra”. – cap. VII, 6/ ... *reducito et caput uitis facito.* – “reconduze e faze”. – cap. VII, 6/ ... *crebre fodito.* – “escava sem cessar”. – cap. VII, 6)...

Divisar uma e outra face da moeda, ou seja, tanto a tecnicidade de Columela (e, em menor grau, de Virgílio), quanto as preocupações de ambos, à sua maneira, em compor bem, auxilia-nos a melhor compreender que não se justificaria em toda correta apreciação dos significados afins às duas obras em jogo qualquer tentativa cerrada de proceder a um recorte de tipo mutuamente excludente. E, assim, também aprendemos a aceitar comedidos o encaixe das *Geórgicas* na série dos textos *técnico-agríarios* romanos e do autor do *De arboribus* no âmbito dos escritores da prosa latina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORNECQUE, Henri; MORNET, Daniel. *Roma e os romanos*. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: E.P.U., 2002.

---

<sup>12</sup> No comentário à sua tradução do *De arboribus* de Columela, Raoul Goujard menciona o gosto do autor latino pela expressão *non intempestius/ -a/ -um* (“não inoportuno/ -a”). Segundo Moisés (MOISÉS, 2004, p. 270), “litotes” corresponde a uma figura de elocução em que se afirma o positivo pelo negativo.

BRANDÃO, Junito. *Dicionário mítico-etimológico. Mitologia e religião romana*. Petrópolis/ Brasília: Vozes/ Edunb, 1993.

de CASTILHO, António Feliciano.; MENDES, Manuel Odorico. (respectivas traduções). “*Geórgicas*” e “*Eneida*” de Virgílio. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1970.

CICERO. *Brutus; Orator*. With an English translation by G. L. Hendrickson. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2001.

COLUMELLE. *Les arbres*. Texte établi, traduit et commenté par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1986.

COMMELIN, Pierre. *Nova mitologia grega e romana*. Tradução de Thomaz Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

da CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 1986.

DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Vergil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.

DOODY, Aude. Virgil the farmer? Critiques of the “Georgics” in Columella and Pliny. *Classical Philology*. Vol. CII, n. 2, p. 180-197, abril 2007.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1986.

GRANATO, Lourenço. Estudo biográfico. In: COLUMELA. *Cultura das hortas*. Tradução de Lourenço Granato. São Paulo: Graphica Monteiro Lobato, 1925, p. 9-29.

GUERREIRA, Agustín Ramos. Literatura técnica de la época republicana. In: CODOÑER, Cármen. (org.). *Historia de La Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 2007, p. 755-772.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução de Mary de C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KROLL, W. La lingua poetica latina. In: LUNELLI, A. (org.). *La lingua poetica latina*. Bologna: Pàtron, 1988.

de MEO, Cesidio. *Lingue tecniche del latino*. Bologna: Pàtron, 1986.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária. Poesia*. São Paulo: Cultrix, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

PERNOT, Laurent. *La rhétorique dans l’antiquité*. Paris : Le Livre de Poche, 2000.

de SOUZA, Rômulo Augusto. Manual de história da literatura latina. Belém-Pará: Editora Serviço de Imprensa Universitária, 1977.

TOOHEY, Peter. *Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996.

TREVIZAM, Matheus. *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da "Ars amatoria" de Ovídio*. Dissertação de mestrado inédita defendida no IEL-UNICAMP. Campinas: IEL-UNICAMP, 2003.

TREVIZAM, Matheus. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. Tese de doutorado inédita defendida no IEL-UNICAMP. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface de J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.